



MARQUEZ DE OLINDA.

Lith. de J. Alves Leite.

REVISTA

190

PARTHENON LITTERARIO

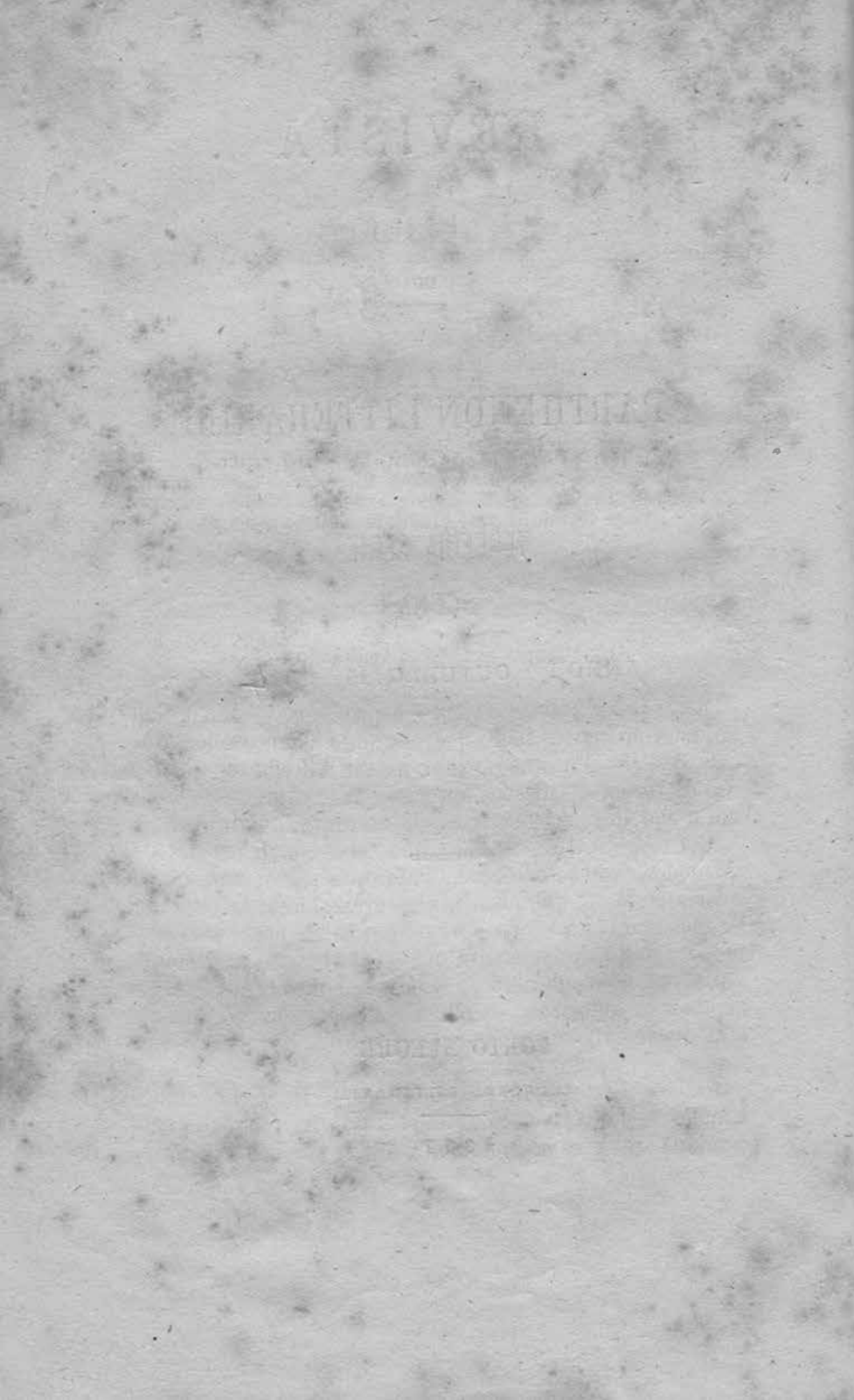
TERCEIRA SERIE

ANNO I OUTUBRO 15 N. 5

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1877



CELINA

ACTO II

Sala rica. Elegancia e luxo. Ao levantar o panno Celina está sentada no sophá com um lenço na mão esquerda que apoia-lhe a cabeça. Está pallida e têm os cabellos soltos. Traja vestido de gaze branca como uzão as noivas

SCENA I

CELINA E ANTONIO (entrando)

ANT. (*dirigindo-se á filha e beijando-a*) — Então Celina, nem ao menos hoje, que, segundo affiançou-nos o incançavel Dr. Magalhães, vai o nosso Alfredo recuperar o uso da razão, deixas-nos apreciar em teus mimosos labios um d'aquelles doces sorrisos que os ornavaõ outr'ora?

CEL. — Sorrisos! Para que serve sorrir os labios, quando o coração dõe-nos! Para que serve cremos em uma esperanza, que pôde muito breve tornar-se em cruel desengano?! Ah! meu pai! o Sr. não conhece, nem mesmo imagina a dôr immensa que se apodera de nós, pobres mulheres, ao conhecermos que pôde muito breve ser-nos arrebatado o mancebõ escolhido de nosso coração, aquelle á quem deveriamos chamar de esposo!

ANT. — Então, não crês no doutor!

CEL. — Creio, sim, meu pai, mas o Dr. é como todos homens — fallivel — Seus planos são na realidade bem combinados; mas no emtanto duvido de sua boa execução.

Talvez pense mal; porém é-me impossivel fazel-o d'outra fórma.

ANT. — Socega, minha filha. O doutor garantio sob palavra, que fará com que Alfredo recupere a razão. A sciência não é uma mentira; mórmente quando é guiada pelo estudo e pela intelligencia, e o que é mais ainda pela força de vontade e pela dedicação, nobre e desinteressadamente votadas ao altar da amizade. Não deves desanimar quando approxima-se para nós todos o momento de suprema felicidade que ha um mez esperamos.

CEL. — Acima da força de vontade e da dedicação dos homens, meu pai, ha ainda alguma cousa mais forte e poderosa, ante a qual tudo desaparece como se nunca existisse: são os designios de Deos, que não encontram obstaculos á sua realização.

ANT. — Vamos, filha, a vontade de Deos manifesta-se por meio dos homens; e sendo Elle, justo e boudoso, fará com que a sua clemencia estenda-se até nós, coroando de feliz exito os projectos do distincto medico, que procura restabelecer aquelle á quem breve chamarás de esposo, segundo diz-me o coração.

CEL. — Deos o ouça, meu pai. Ao menos suas palavras repassadas de convicção dissipão de alguma fórma as duvidas que abatem minha alma pelo soffrer constante de meu coração, após os golpes tremendos de que ha um mez fomos viciimas. (*Rodar de carro*).

ANT. (*levantando-se*) — Um carro parou á porta. E' provavel que alguém procure-me. Enquanto recebo-o, vai ajoelhar-te aos pés do altar e interceder á Virgem Santissima pelo restabelecimento de teu uoivo. Vai, minha Celina, porque as orações dos anjos como tn, nunca são impfficuas. (*Oscula-a na fronte e Celina beija-lhe a dextra e sahe*).

SCENA II

ANTONIO, só

ANT. — Pobre filha! muito tens soffrido! E eu, que sou teu pai, eu, que não tenho na terra, outros élos a prender-me, que não sejam as caricias e ternuras de ti, minha filha, como não terei padecido durante o longo periodo de um mez em que tenho visto descolorir-se o rozeo de tuas faces, pela interminavel vigilia em que passas as noites! . . . Teus olhos, que erão outr'ora travesos como as adejantes phalenas dos prados, achão-se hoje amortecidos pelo constante verter de tuas lagrimas! Lagrimas, que vem requeimar este pobre coração de pai! (*Pausa*) Quando penso nos tragicos acontecimentos de um mez á esta data, sinto ainda vaseillar-me a razão! Nem sei mesmo, meu Deus, como a leitura d'aquella carta fatal, que annunciava a morte de minha filha, não foi sufficiente para fulminar-me de momento! O', mas a dôr foi tão forte e inesperada, que pareceu-me haverem cessado as pulsações de meu coração!

SCENA III

ANTONIO E OSCAR

OSC. (*entrando*) — O' meu pai! (*Corre á elle*).

ANT. — Oscar! meu filho! (*Estreitão-se*).

OSC. — Mas, meu pai, ou eu estou louco, ou ha aqui um mysterio . . .

ANT. — O que?

OSC. — Recebi uma carta do Dr. Magalhães, na qual dizia-me que, meia hora antes havia fallecido minha irmã.

ANT. — Sim, é exacto.

OSC. — Bem sabe quanto estremeceia Celina. Ao ter conhecimento da infausta noticia de sua morte, que veio para sempre enlutar minh'alma, abandonei os bancos academicos que com tanta felicidade cursava, e vim pressuroso

verter em silencio, no seio da familia, as lagrimas que me-
erão impostas pelo amor fraterno! Durante a viagem, pa-
ra mim sobremodo longa, quando os demais provincianos
rião-se e alegravão-se por se approximarem da terra que
os vira nascer, eu vertia lagrimas, meu pai! Em meus la-
bios não fluctuava um sorriso sequer, porque eu tinha a al-
ma coberta de crepe! . . . porque eu tinha o coração en-
regelado por uma dôr cruel! . . .

ANT. — Eu sei avaliar a tua dôr meu filho!

OSC. — Chego finalmente. Mas, em vez de dôr e lagri-
mas encontro risos e indiferença! Sua fronte que julguei
achar-se abatida e melancolica, está serena e tranquillã,
como se nada tivesse acontecido! Será possível que a
alegria e o prazer já tenham reentrado n'estes aposentos
d'onde ainda se não devem ter ausentado os ais doridos e
os gemidos angustiosos de uma moribunda, á quem o Sr.
dava o nome de filha, e que como tal a estremecia?! O
que significa tudo isto, meu pai?

ANT. — Um simples engano, occasionado pela precipi-
tação com que o Dr. Magalhães noticiou-te o fallecimento
de tua irmã.

OSC. — Um engano? Explique-se. . . Será crível que . . .

ANT. — Que Celina exista, não é isto?

OSC. — Sim, meu pai. . .

ANT. — Ella ainda vive.

OSC. — O', o que diz, meu pai?! Será possível? . . .

ANT. — Que sua morte não passou de uma illusão!

OSC. — Oh! meu Deus! não será isto um sonho?!

ANT. — Não, meu filho, felizmente é uma realidade.

OSC. — Mas, conte-me, meu pai, como pôde dar-se
semelhante equivooco?

ANT. — Eu te explico: Completa-se hoje justamente
um mez que eu e teu irmão, ao chegarmos de Alegrete, di-
rigimo-nos á casa de Alfredo antes de seguirmos para nos-
sa chacara do Passo d'Arêa, onde então estava nossa fa-
milia. Amelia, que achava-se só, estava triste e chorava.
Perguntando-lhe qual a origem de suas lagrimas, respon-

deu-me ao principio com monosyllabos e reticencias, dizendo-me finalmente que a sua melhor amiga estava doente... muito doente! Immediatamente comprehendi que tratava-se de Celina. Eis que entra um criado trazendo uma carta do Passo d'Arêa. O envelope era tarjado de preto. As suspeitas tornarão-se-me então em dura realidade! Amelia abriu a carta — ella noticia a morte de tua irmã! Aparentou-se então de mim um não sei que de inexplicavel! Nem sei mesmo como não fui fulminado por aquella noticia tremenda! A vista turvou-se-me, as idéas paralizarão-se-me!...

Osc. — O' basta, meu pai, eu comprehendo o resto!

ANT. (*continuando*) — Desencencilhei-me das debrêas mãos de Amelia, que em vão tentava deter-me, e corri a abraçar o cadaver que já era conduzido para a igreja, onde ia ser depositado. Immediatamente encontrei o prestito, rompi caminho por entre a multidão immensa de povo que formava o acompanhamento. Já emfrente á casa de Alfredo é que consegui chegar até junto ao esquife, que infelizmente estava pregado! Rasguei o velludo que o cobria... e abrindo-o tomei em meus braços o corpo de Celina, que julgava cadaver!... Abracei-o muitas vezes, e ao depôr-lhe na face o derradeiro beijo que symbolisa a despedida eterna, pareceu-me sentil-a respirar!... Os cabellos eriçarão-se-me...

Osc. — Que scena de horror!

ANT. (*continuando*) — Julguei que a dôr fazia-me perder a razão!... O sangue gelou-se-me nas veias!... perdi completamente as forças... o cadaver cahio-me dos braços, e ao bater no chão soltou um gemido!...

Osc. — Que lance terrivel!

ANT. (*continuando*) — Descerrou as palpebras... moveu-se e pronunciou as palavras — meu pai!... Todos que achavão-se presentes fugirão horrorizados!...

Osc. — Então era simplesmente uma syncope?

ANT. — Sim, foi uma syncope, da qual acabava de voltar a si. Tomei-a novamente em meus braços, e, embar-

cando em um carro, trouxe-a até aqui, entregando-a ao desvello do nosso incançavel e bom amigo Dr. Magalhães. Tua irmã estava salva, mas um novo golpe, tambem bastante cruel, veio novamente ferir-nos. Alfredo, que das janellas de sua casa contemplára o quadro que acabo de relatar-te, enloqueceu.

Osc. --- Mas, não tendo o desmaio de minha irmã pasado de poucas horas, como pôde o Dr. Magalhães noticiar-me seu fallecimento?

ANT. — Ouve-me: Quando noticiarão ao Dr. Magalhães que Celina succumbira, elle escrevia-te, pois que d'ahi á instantes partia um vapor, pelo qual mandou-te essa noticia; até se me não enganou em *Post'scriptum*.

Osc. — E' exacto.

ANT. — Depois d'isto te escrevi mais de uma carta.

Osc. — Infelizmente nenhuma d'ellas chegou á seu destino... Mas, conduza-me até Celina, quero vel-a... abraçal-a...

ANT. — Vou primeiramente prevenil-a, porque as fortes emoções, ainda que agradaveis, são bastante prejudiciaes ao seu restabelecimento. Espera-a n'esta sala. (*Sahe*)

SCENA IV

OSCAR, só

Osc. (*pequena pausa*) — Oh! meu Deos! como é agravel o momento de felicidade que vem confortar-nos o coração, até então enlutado pela dôr do soffrimento! Como é bello o desfazer-se das nuvens negras que toldavão a felicidade de nossa alma! Oh! meu Deos! meu Deos! eu te agradeço este momento de suprema ventura!

SCENA V

OSCAR E CELINA

CEL. (*dentro*) — Oscar! Oscar!

Osc. — E' ella!

CEL. (*Entrando e correndo a elle*) — Meu Oscar!

Osc. (*abraçando-a*) — Celina! . . . minha querida irmã! . . . (*Beija-a*).

CEL. — Meu irmão!

Osc. (*lançando-lhe o braço pela cintura*) — O' minha irmã! como eu sinto-me contente, como eu sou feliz por ter junto a mim a minha querida Celina! (*Sentão-se, tendo Oscar as mãos de Celina entre as suas*).

CEL. — Oh eu também estou tão contente. . .

Osc. — Não imaginas a dôr immensa que senti quando soube de teu fallecimento. Tudo que até então era-me agradável, tornou-se insípido e intoleravel! O theatro e os passeios por que era fanatico, causavão-me tédio! O estudo, ao qual entregava-me com verdadeiro afã, aborreci-o de maneira tal, que nem mesmo podia tolerar a presença dos livros! . . . Tudo que podia alcançar minha vista ou conceber minha imaginação, trazia-me á mente o luctuoso quadro de tua morte!

CEL. — Como és bom, Oscar!

Osc. — A' vista do tédio de que era victima resolvi voltar, para, prostrado ante o sepulchro que guardasse teu cadaver verter lagrimas de amizade! Mas, Deos, que é justo e bondoso, fez com que o teu fallecimento não passasse de uma illusão; e, então, em vez de desfolhar uma corôa de saudades sobre a lapida de um tumulo, deponho um osculo fraternal na fronte de minha adorada Celina. (*Beija-a*).

CEL. — Como tu és meu amigo!

Osc. — Fallemos agora de Alfredo, que, segundo disse-me meu pai, perdeu a razão ao presenciar a maneira bastante singular porque tornaste a ti da syncope que tiveste.

CEL. — Sim, fallemos d'elle.

Osc. — Não ha alguma esperança de cural-o !

CEL. — O Dr. Magalhães garantio-nos que fal-o-ha voltar á razão, hoje.

Osc. — Vai então applicar algum remedio poderoso ?

CEL. — Tão poderoso como simples. Alfredo no momento em que perdeu a razão, delirou fortemente. Do que relatou-nos Amelia com quem achava-se então, deprehende-se que elle julgava conduzir-me ao altar, e que, no momento de começar a cerimonia, um phantasma cadaverico approximara-se de nós, e depois de rasgar-me o véo e corôa de noiva, ferira-me com sua fouce, e que eu cahira por terra dando um grito e sendo já cadaver !

Osc. — E o que pretende fazer o doutor ?

CEL. — Reproduzir este quadro em presença de Alfredo.

Osc. — Este expediente já tem sido posto em pratica por outros medicos, que d'elle têm obtido optimos resultados.

CEL. — Diz o doutor, que causará elle tal commoção em Alfredo, que após um passageiro abatimento voltará certamente a si.

Osc. — E quando terá lugar isto ?

CEL. — D'aqui a instantes ; só espera-se o Dr. Magalhães.

Osc. — Pois bem, emquanto não chega o doutor, vamos á sala particular, pois que desejo abraçar nossa mãe.

CEL. — Vamos.

Osc. (*dando-lhe o braço*) — Sinto passos, e se me não engano é alguém que para aqui se dirige.

CEL. — E' provavel que sim. (*Sahem*).

SCENA VI

DR. MAGALHÃES, só

DR. (*entrando*) — E' hoje o dia em que devo pôr em execução o meu mais gigantesco plano ! Tudo está deter-

minado de maneira tal, que devo infallivelmente obter um resultado satisfactorio ! O que obrigou-me a empregar todos os esforços possíveis para o restabelecimento de Alfredo, não foi tão sómente o desejo de alcançar mais uma victoria da sciencia contra a enfermidade manifestada com phases desconhecidas, mas sim o de salvar uma pessoa a quem acho-me ligado pelos laços da amizade, e o de levar o socego e a tranquillidade ao coração de uma pobre menina, que certamente succumbiria se visse faltar-lhe aquelle á quem tanto ama. (*Pequena pausa. Meditando*) Não obstante a confiança que nutro pela sciencia, sinto ás vezes que a duvida tonta suffocar-me a esperanza ! O', mas, não ! não ! . . . É' impossivel ! mil vezes impossivel ! . . . (*Toca a campainha. Ao criado que apparece*). Previne ao Sr. Antonio de Oliveira, que aqui me acho.

CRIAADO. — Tanto o meu amo, como a Sra. sua filha, já para aqui se encaminhão.

Dr. — Bem, retira-te. (*O criado sahe*).

SCENA VII

DOCTOR, ANTONIO E CELINA

DR. — N'este momento acabo de mandar-me annunciar.

ANT. — Se soubessemos que o nosso bom amigo havia chegado, não nos teriamos feito esperar, pelo que desculpar-nos-ha . . .

DR. — Se ha alguém que deva ser desculpado, sou eu certamente, que tive a ousadia de chegar até sua sala sem ser annuciado . . .

CEL. — O doutor bem sabe que de ha muito o contemplamos não como um estranho, mas sim como se fizesse parte de nossa familia.

DR. (*inclinando-se*) — Desejava saber se forão minhas indicações postas em execução . . .

ANT. — Creio que sim.

CEL. — Tudo foi feito conforme o senhor determinou,

doutor. O altar acaba de ser erguido. Falta-me unicamente tomar o véo e a grinalda.

DR. — Bem, ide fazel-o, e colloque-se no lugar por mim designado. (*Tomando-lhe as mãos*) Tenha animo e esperanza pois que d'aqui a pouco voltar-lhe-ha a felicidade de outr'ora, cuja perda tanto tem chorado.

CEL. — Sim, doutor, eu terei bastante força de vontade para mostrar-me animosa, quando mais do que nunca sinto fluctuar em torno á mim a incerteza e a duvida de que até agora me não pude apartar! (*Sahe*).

DR. (*a Antonio*) — Quanto ao senhor far-me-ha o obsequio de retirar-se por momentos.

ANT. (*apertando-lhe a mão*) — O doutor manda e não pede. (*Sahe*).

SCENA VIII

DOCTOR E ALFREDO

DR. (*abrindo a porta do E. B. Para dentro*) — Alfredo, Alfredo.

ALF. (*dentro*) — Deixa-me!

DR. — Mas é necessario que saias. (*Entra e traz Alfredo pelo braço*).

ALF. (*forcejando*) — Larga-me! Já te disse! (*Solta-se, e segurando algum objecto de cima da meza, começa a brincar distrahiadamente*).

DR. (*indo á elle*) — Lembras-te de Celina?

ALF. (*pára de brincar*) — Celina? . . .

DR. — Sim, Celina. Queres vê-la?

ALF. — Celina já morreu. (*Continúa a brincar*).

DR. — Ainda não morreu, não; mas querem matal-a.

ALF. — Que importa-me?

DR. — Não a queres salvar?

ALF. — Não.

DR. — Então consentes que a matem?

ALF. — Consinto.

DR. — Olha, Alfredo. (*Volta-o para o F.*) Celina está ali prestes a morrer. Vou mostrar-l'a. (*Bate palmas. Sob o panno do F. e apparece Celina ajõelhada ante um altar. Alfredo dá um forte grito e avança alguns passos. Reproduce-se o delirio que Alfredo teve no 1º acto. Depois do grito apodera-se d'elle uma forte commoção que vai augmentando consideravelmente até o fim da scena. Quando o corpo de Celina tomba*).

ALF. (*Recuando. Prolongado*) — Ah!... (*forte*) Meu Deus! (*Vascilla e é amparado pelo Dr. que o leva ao sophá*).

DR. (*para o F.*) — Salvo! Salvo!

SCENA IX

DR. MAGALHÃES, ALFREDO, CELINA, AMELIA, ARTHUR, ANTONIO DE OLIVEIRA, OSCAR

TODOS (*em precipitação*) — Salvo!?

DR. — Silencio por momentos. Alfredo está salvo!

CEL. (*precipitando-se nos braços do Dr.*) — Ah! doutor! doutor!... meu bom amigo! agora pôde dispôr até de minha existencia, se isso lhe aprouver!

DR. — A sua amizade é a unica recompensa que posso e devo receber, porque a sua vida pertence áquelle que acabo de restituir-lhe.

ANT. — Agora a meus braços, doutor, porque salvando Alfredo, garantiste-me a existencia de minha filha.

ALF. (*despertando e erguendo-se*) — Que é isto? Onde estou eu? O Sr. Antonio de Oliveira!... Arthur! (*vendo Celina*) e... Celina!... Ah! que sonho, meu Deus! (*Oculta o rosto nas mãos*).

DR. (*á Celina*) — Falle-lhe.

CEL. (*indo á Alfredo*) — Não! não é sonho, Alfredo, é a realidade. Sou eu, é a tua Celina quem te falla...

ALF. — O' mas eu não sei... não posso comprehender o que vejo!...

DR. — Acalme-se, porque breve saberá tudo.

ALF. (*á Cclina*) — Mas, tu?! viva?!... ..

CEL. — Sim, Alfredo...

ALF. — Mas, eu vi-te soltar o derradêiro suspiro!... eu presenciei o cerrar-se de tuas palpebras!... eu senti o enregelar-se de teu corpo!... (*Pequena pausa*) Pouco depois... vi teu prestito encaminhar-se para a igreja... tu te ergueste... abriste os olhos!... e... (*mudança*) nada mais vi, porque senti o coração confranger-se-me!... e de então para cá, de nada mais sei, porque, ou pe rdia razão, ou... nem mesmo sei o que deva pensar!... (*Pequena pausa. Tomando as mãos de Celina*). Falla-me Cclina, quero ouvir tua voz, essa harmonia sublime que electrizava-me outr'ora!... Diz-me o que passou-se... aclaram-me as duvidas que n'este momento me atormentão... Como podeste resuscitar, se é que tal aconteceu?

CEL. — Eu não resuscitei, Alfredo; o que tive foi simplesmente uma syncope. Todos tomarão-me por morta, mas na occasião de meu enterro frontear tua casa, tornei á mim. Tu que isto presencavas, deliraste... deliraste por espaço de um mez...

ALF. — Delirei por espaço de um mez! Diz antes que enlouqueci!... que perdi a razão!...

ANT. (*continuando a phrase de Alfredo*) — E que devido aos esforços do Dr. Magalhães, acabas de recuperar-a...

CEL. (*concluindo*) — Para tua e minha felicidade.

DR. — Dizei antes, devido aos progressos da sciencia e a clemencia de Deos, sem o que, improficuos serião todos os meus esforços e dedicação!

ANT. — O senhor, doutor, é um medico tão distincto, como modesto. (*O doutor inclina-se*).

ANT. (*á Alfredo*) — Tendo confiança na promessa que fez-me o doutor, de que curar-te-hia hoje, e querendo que essa felicidade fosse completa, convldei um sacerdote e testemunhas, para celebrar-se tanto a tua união com Cclina, como a de Arthur com Amelia, pelo que o altar os espera...

CEL. — E esses dois consorcios, meu pai, trar-nos-hão uma ventura interminavel...

AM. (*á Antonio*) — Que fará certamente a felicidade de sua velhice.

ALF. E ART. — Nós ao menos assim o promettemos.

ANT. — Não façamos o sacerdote esperar-nos, vamos meus filhos.

ALF. — Sim, vamos, Celina, vamos repetir aos pés do altar e á face de Deos, os juramentos que de ha muito nos ligão. (*Offerece o braço a Celina e Arthur á Amelia e encaminhão-se para o F.*)

CEL. — E que serão a base de nossa felicidade.

ANT. — Assim Deos o permitta. (*Cabe o panno*).

FIM DO DRAMA

LULUCHA

(ROMANCE)

O FANDANGO

Devia ser meia noite, quando um terrível acesso de tosse assaltou-me. Era consequencia dos excessivos movimentos do fandango.

O Zéca achegou-se e disse-me :

— Vamos comer alguma cousa ; o que você tem, é fome, amigo.

E arrastou-me para o espaçoso cupiar ao lado da casa.

Ahi nada faltava.

Sobre compridos giráos havia com que fazer saltar de alegria a qualquer monteiro euròpeu.

Desde a paca ao virá campeiro, desde o queixada ao quaty, desde a jacutinga a aracuan, estavam á porfia, desafiando o apetite, disputando preferencias e trescalando o mais agradável odôr.

Tambem não se notava a ausencia dos assados de couro e dos saborosos matambres.

Em roda de um excellento fogo, em cujo brazido estouravão as pipocas e pinhões, assavão-se as murangas e as espigas do gostoso catête, torrava-se o amendoim e fervia-se a agua em differentes chaleiras, estavam acocorados alguns matistas que vinhão verdecar nos intervallos da dança, ou que desde o principio conversavão em doce intimidade sobre a estação e as lavouras, a alta e baixa do sal,

o estado do gado, emfim praticas proprias entre velhos d'aquelles sitios.

O locador de fronte enancieida veio tambem tomar fogo, deixando um substituto para satisfazer os votos ardentés da boa moçada.

Elle, o Zéca e eu fizemos honra á ceia campeira, que nos esperava com tão risenha presença, adubando-a com um ou outro gole da aguardente de palmito.

A mulher do posteiro julgava que eu tinha diferentes estomagos, ou tinha lá para si que contra a física o melhor medicamento era não deixar em descanso as mandibulas, pois além da caça selecta que eu assaltara com inaudita energia, fez-me, embora já um tanto desanimado, avançar sobre um origone e algumas maçãs serranas.

Era demais.

Senti afinal faltar-me a cõragem, fraquecei e bradei-lhe supplicante :

— Basta . . . não posso mais . . .

O descoronado e o folião do velho que formavão comigo uma admiravel trindade de gastronomos, não incluindo a excellente matrona que nos tirava luz a perder de vista, depuzerão as armas.

— Agora um chimarrão em cima, amigo Augusto, reflectio o Moxiba.

E nos fomos para o grupo em torno do fogo.

O baile no entanto continuava animado, e dansavão, cantando :

Chimarrita, chimarrita,
Chimarrita, meu amor;
Por causa da chimarrita
Passo tormentos e dôr.

Vou dansar a chimarrita,
Que ainda hoje não dansei ;
Vou tirar esta senhora
Que ainda hoje não tirei.

Chimarrita, chimarrita,
Chimarrita do outro lado ;
Por causa da chimarrita
Passei arroios a nado.

Chimarrita, chimarrita,
Queia te trouce lá do Rio ?
Foi um pobre marinheiro
A bordo do seu navio.

Era um enthusiasmo febricitante ! o delirio ! a loucura !
Após a chimarrita ensiavão o bambáquerê, a tyranna,
o chico-puxado, etc.

Eu mateava, fazendo o chylo, e apreciando em grato re-
festelamento d'alma o circulo de serranos, que, com a che-
gada do provector violista, se entregavão á decifração de
enigmās.

— O venerando ancião estava de pé.

— Por Deos e um patacão, dizia elle, vocês não acertão al-
gumas que tenho de reserva !

— Diga, diga, Manduca, exclamavão em côro.

— Não adivinhão.

— Ora ! Adivinhamos.

— Pois lá vai uma :

— Estava o dorme-dorme debaixo do pende-pende, veio o
corre-corre para matar o dorme-dorme, cahio o pende-
pende e acordou o dorme-dorme, que matou o corre-corre.

— E isto ejaculou com rara presteza.

— Vê lá, Augusto, se o pialas, disse-me o descoronhado.

— Estou pensando, retorqui, sem pensar em cousa al-
guma.

— Embatucarão, hein ? Eu não dizia ! ?

— Qual embatucado ! Estou vendo . . .

— Isto não é adivinhação.

— O que é então ?

— E' . . .

— Bem, eu vou dizer só esta : Era um homem que es-
va dormindo debaixo de uma laranjeira ; veio uma quatia-
ra e ia mordel-o ; cahio então uma laranja e acordou o ho-
mem que matou a cobra.

— Então o dorme-dorme é o homem ?

— Sim. O pende-pende a laranjeira e o corre-corre a
cobra.

— E' verdade !

— Pois lá vai outra :

Se o fructo é bom
Melhor a raiz ;
E se o vivo sabe,
E' que o morto o diz.

Andem, meus amigos, deem de rêlho !

— Hépxa ! Traz barbicacho !

— Qual barbicacho ! disse o Zéca. Vai de prisco . . .

Oiçãõ : « Era um andante que sesteou n'uma tapéira á
sombra d'um araçazeiro. E veio em sonhos uma alma per-
dida e fallou assim : Enterrei junto d'esta arvore umas pa-
nellas de onro, não confiando o segredo a ninguem. Depois
morri e vivo errante por este mundo sem poder entrar no
reino da gloria. Cavóca bem, toma tudo para ti e manda
dizer missas por minha alma. E depois acerdou-se o au-
dante e esteve parafusando, e apezar de não crer em so-
nhos, tirou a adaga da cinta, mecheu toda a terra de roda
do araçazeiro, e achou um thesouro morrudaco. » Então ?

— Isto você ja ouviu, Zéca ; retorquio Manduca.

— E' verdade. Agora advinhe você lá :

O que é ? O que é : Uma telha só e quatro esteios ?

— Tatú, tornou o outro riudo com sobranceiria.

— O que é ? O que é, interpellou-o um outro da róda :
Campo redondo, moça formósa, gado miudo, velho car-
rancúdo ?

— O céo, a lua, as estrellas e o sol, tornou o violista.

— Lá vai outra : E' capim, não é capim ; é vara, não é vara ?

— Capivara.

Está no mato, está cantando ;

Está em casa, está dormindo.

Machado, disserão diversos.

— O que é? O que é : O gurupé de um pé estava em pé; veio o gurupé de quatro pés comer o gurupé de um pé; salta o gurupé de dois pés, mata o gurupé de quatro pés e colhe o gurupé de um pé ?

Todos estate!arão.

— E agora ? interrogou senhorilmente o velho.

— Agora, disse o Moxiba, agora ! . . . Diga outra vez. Manlueca fez-lhe a vontade !

— E', disse eu, que em criança muitas vezes ouvira aquelle enigma. é :

Um pé de couve ; um veado vem comel-a, apparece um homem, mata o veado e colhe a couve.

— Isso mesmo ! gritou o eximio tocador de viola.

— Caramba, desentocaste o bicho, amigo Augusto ! . . .

Ha tanto estavas que nem um cupim ! Nem palavra !

« — Redondinho, redondoque,

« Sem fundinho, nem batoque. » O que é? O que é ?

— Ovo, decifrou um.

— Bem, e esta :

Branco sou, branco nasci,

Amarella é minha côr,

Minha mãi — velha sem dentes,

E meu pai — um cantador.

— Ovo, tornei eu triumphante e já encontrando interesse no que ao principio me aborrecera algum tanto.

E tambem soltei a seguinte contra o invencivel adversario :

Aguas bem claras,
 Fonte amarella,
 Casa caiada,
 E ninguem n'ella.

— Ovo, redarguio logo,
 E atirou-me :

Quatro na lama,
 Quatro na cama
 Dois que lhe apontão,
 Um que lhe abana.

Silencio por momentos. Cada qual reconcentrava-se em busca da mysteriosa palavra que viesse lançar luz sobre aquella quadra hyeroglyphica.

— Guasqueia, Augusto ! Anda ! . . . Estás campeando ?

— Qual ! Abombei ! . . .

— É vacca, tornou o descoronado.

— Subi o morro, avistei o mar. Encontrei um carneiro, dizendo : Mé ; encontrei um velho, dizendo : Lá ; encontrei um menino, dizendo : Dá. Advinhem ; gritou o inexgotavel ancião, com verdadeiro enthusiasmo.

— Marmelada, respondi e accrescentei :

Alto está, alto mora,
 Ninguem vê e todos adorão.

— Deos ! Chilrou uma voz mimosa.

— Lulucha ! exclamarão.

— Deos ! repeti authomaticamente deslumbrado pela gentil creatura que destacou n'aquelle ambiente.

E depois voltando a mim do arroubo, ajuntei : Fatalidade !

Continúa.

IRIEMA.

FLOR E VIRGEM

A' RITINHA

Nasce no prado a flôr : — singela e pura
 Se mostra ao despontar ;
 Traz-lhe a brisa da tarde na frescura
 seus olôres sem par !...
 Vem o orvalho da noite rosceal-a...
 beijando-a com languôr !...
 A luz da Aurora surge a acaricia-a...
 o Sol vota-lhe amor !...

Menina, és como a flôr singela e pura—
 ch' vida na manhã :
 Os annos infantis com a ventura
 dão-te a graça louçã !
 De noite acaricião-te mil sonhos
 do leito no languôr !...
 Beija-te a Aurora, e o Sol te dá risonhos
 os seus raios de amor !

Menina e flôr, irmãs pela belleza,
 no fado sois irmãs !
 Sois a gloria e primor da NATUREZA
 da vida nas manhãs :
 E quando succumbis, — voltando aos lares
 do Eterno Creador ;
 deixais como lembrança entregue aos ares
 o mais suave olôr !

Irmãs na terra, 'inda igualais-vos quando
 deixais o terreo véo ;
 e nas azas de Amor tornais voando
 Menina e flôr ao céu !

LUCIANO DE MARIZ.

- 2 de Agosto de 1874.

A flôr exhala perfumes
 Da primavera ao calor
 A mulher é santa, é deusa
 Se a vigora o sol do amor.

Mas não é amor profano,
 De momento, sensual,
 E' amor que não decrece,
 E' o puro amor maternal.

E. DE MENDONÇA.

CHRONICA

Da côrte veio-nos ultimamente uma dolorosa noticia.

O Dr. Antonio Carlos Ennes Bandeira, um dos mais ricos talentos do Rio Grande, pagou, ainda no verdor dos annos, o tributo fatal, desapparecendo da arena da vida que fôra para elle uma luta incessante.

Foi sem duvida a labutação do pensamento, que vergou aquelle corpo, realmente fraco para arcar com a immensidade que o espirito procurava devassar.

Em 1871 ou 1872 o Dr. Bandeira veio á provincia, onde desejava ficar, entre os seus e respirar estas auras mais beneficicas aos seus padecimentos physicos; mas o torrão natal negou ao filho illustre os recursos para a existencia, e, parece incrível! Ennes Bandeira não encontrou como exercer a nobre profissão que tanto honrava.

No Rio de Janeiro, onde seu nome era conhecido com vantagem, foi o illustre engenheiro occupar uma cadeira de lente na Escola Central, porque lá elle tinha mestres que o apreciavão e fazião justiça aos seus altos meritos.

O Rio Grande do Sul perdeu no Dr. Ennes Bandeira, não só uma intelligencia notavel na sciencia, como tambem um dos seus caracteres mais elevados.

A «Revista do Parthenon», que não recusa preito ao merito real, honrará a memoria do distincto rio-grandense, em artigo especial, que não vai n'este numero por ter vindo tarde.

— O Sr. Assis Brazil, que não é desconhecido do nosso publico, offereceu ao «Parthenon» um volume de poesias, impresso na typographia do «Jornal do Commercio» de Alegrete. — *Chispas* —

N'esta epocha, em que parece, entre nós, semi-amortecido o des-
envolvimento litterario, foi com prazer que o «Parthenon» recebeu o precioso livro do joven cultor das musas. E' elle um incentivo para aquelles que vão descrendo, diante do indifferentismo de alguns, dos progressos da litteratura.

Lá de Alegrete, Assis Brazil envia aos seus conterraneos as «Chispas», rica colleção de cantos que sua imaginação inspirada creou ao volitar nos intermundios do ideal.

Recommendamol-o aos amantes do bello.

— Passemos rapidamente pelo theatro.

Nossos emboras á «Luso-Brazileira». Festejou condignamente seu terceiro anniversario, que significa tres annos de lutas na conquista do futuro.

— O Dr. Inglez de Souza é um batalhador incançavel.

Sob sua illustrada direcção publica-se em Santos, mensalmente, uma importante brochura, consagrada ao desenvolvimento das sciencias, artes e lettras.

Os dois primeiros numeros, que temos a vista, contêm trabalhos de caracter nacional, lendas e descripções locaes.

Uma saudação á « Revista Nacional ».

— Vamos satisfazer as justas exigencias de dois distinctos collaboradores da « Revista »:

No numero anterior, ultima parte da prelecção « Missão da Mulher », pagina 82, depois do periodo 10º que diz assim:

« Que me deixaes nelle? O homem, o marido? »

o leitor deve intercalar, antes do periodo que o segue, este, que faltou:

« Mas o homem não tem essas duas fontes de vida que a natureza deu á mulher para alimentar o filho; não tem o seu regaço para embalal-o, a sua voz carinhosa, musical para acalental-o com aquelle cantar todo especial, nem a habilidade, a delicadeza precisas para pensal-o! »

No mesmo numero, pagina 95, poesia: « Inspiração de um luar », no 1º verso da ultima quadra, onde se lê:

« Então — á luz que te palleje o lindo rosto »

deve supprimir-se o l i n d o e lêr-se assim:

« Então — á luz que te palleje o rosto »

SILVIO

13 de Outubro.